

Revista

1ª EVOLUÇÃO

Ano II - nº 16 - Mai./2021 - ISSN 2675-2573

ISSN 2675-2573



SYLVIA LIA GRESPAN NEVES

O poder de comunicar e de agir com as mãos!



POIESIS

Carlos Eugênio Rêgo
Edivan Costa Gomes
Patrícia Diniz
Sonia Capano

DESTAQUES

INCLUSÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA ATRAVÉS DAS BRINCADEIRAS
Carla Ferraz



A IMPORTÂNCIA E OS BENEFÍCIOS DA MÚSICA NO CURRÍCULO ESCOLAR
Erich Messias do Nascimento



A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

www.primeiraevolucao.com.br

Revista **EVOLUÇÃO**

Ano II - nº 16 de Maio de 2021 - ISSN 2675-2573

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima

Denise Mak

Manuel Francisco Neto (Angola)

Patrícia Tanganelli Lara

Thais Thomaz Bovo

Veneranda Rocha de Carvalho

Organização:

Vilma Maria da Silva

Manuel Francisco Neto

AUTORES(AS)

Carla Ferraz

Cinthia Caroline Gomes Lima de Oliveira

Débora Miriam Bezerra de Andrade

Debora Rodrigues Da Silva

Edna dos Reis Ricardo

Eliane de Jesus Ribeiro Souza

Erich Messias do Nascimento

Fellipe William Marques Martins

Izilda Marques Bastos Trindade

Luiz Ricardo Fueta

Maynara Chaves Ferreira

Renata de Andrade Mendes

Rosemary Nunes Gomes

Sileusa Soares da Silva



São Paulo
2021

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Denise Mak
Manuel Francisco Neto (Angola)
Patrícia Tanganelli Lara
Thaís Thomas Bovo
Veneranda Rocha de Carvalho

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeilson Batista Lins
Prof. Esp. Ana Paula de Lima
Prof. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Me. Ivete Irene dos Santos
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Prof. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Prof. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Prof. Me. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. (11) 98031-7887
Whatsapp: (11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com
<https://primeiraevolucao.com.br>
São Paulo-SP - Brasil

Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.

Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial.

Filiada à:



Publicada por:

Edições
Livro Alternativo

A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – n. 16 (maio 2021). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2021.

106 p. : il. color
Bibliografia
Mensal
Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>
ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.16>

www.primeiraevolucao.com.br

05 APRESENTAÇÃO

Prof. Dr. Manuel Francisco Neto

07 HOMENAGEM

Sylvia Lia Grespan Neves

COLUNAS

12 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

14 A CAMINHO DA ESCOLA

Ivete Irene dos Santos

104 POIESIS

Carlos Eugênio Rêgo, Edivan Costa Gomes, Patrícia Diniz, Sonia Capano.



ARTIGOS

* Destaque

★ 1. INCLUSÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA ATRAVÉS DAS BRINCADEIRAS	17
Carla Ferraz	
2. ARTE E PRÁTICAS NORTEADORAS NO DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDANTES	25
Cinthia Caroline Gomes Lima de Oliveira	
3. MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO	31
Débora Miriam Bezerra de Andrade	
4. O DESENVOLVIMENTO DA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO INTEGRAL	37
Debora Rodrigues da Silva	
5. A ALFABETIZAÇÃO E AS CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA	43
Edna dos Reis Ricardo	
6. EDUCAÇÃO DE SURDOS	49
Eliane de Jesus Ribeiro Souza	
★ 7. A IMPORTÂNCIA E OS BENEFÍCIOS DA MÚSICA NO CURRÍCULO ESCOLAR	53
Erich Messias do Nascimento	
8. A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	61
Fellipe William Marques Martins	
9. A FORMAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO EDUCACIONAL DO ENSINO SUPERIOR	69
Izilda Marques Bastos Trindade	
10. AS ARTES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO	77
Luiz Ricardo Fuenta	
11. ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL – ESPAÇOS DE ACOLHIMENTO	83
Maynara Chaves Ferreira	
12. A ARTE E O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E JOVENS	87
Renata de Andrade Mendes	
13. ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO, LITERATURA E A APRENDIZAGEM	95
Rosemary Nunes Gomes	
14. A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	99
Sileusa Soares da Silva	

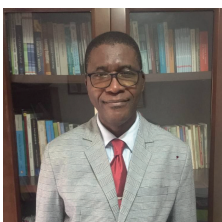
Mais uma vez, é um honor, ser indicado, como um dos partícipes na apresentação da Revista Primeira Evolução do mês de Maio.

O ultrapassar das dificuldades de aprender por parte do aluno/estudante, não depende somente do professor, mais sim é um colossal trabalho que deve ser realizado por uma equipe pluridisciplinar tais como: as famílias, os professores, os psicopedagogos, os psicólogos, os pedagogos, entre outros. Não obstante a essa colegialidade de profissionais educativos; é notório que toda a responsabilidade primária do ensino e educação formal, recai para o professor, devido que é o professor quem diariamente lida com as dificuldades de aprender dos educandos.

É oportuno ressaltar que os artigos contidos nesta revista são de extrema importância para o leitorado sejam eles educadores ou não. A cada mês que passa a referida revista vai aumentando e enriquecendo mais o seu leque de conteúdos diversificados. Neste contexto, é importante acentuar que os vários artigos escritos continuam a ter um avanço substancialmente didático e pedagógico, espelhando novos métodos de ensino como: as artes, as músicas, as narrações, as brincadeiras ou jogos, entre outros, sobretudo no ensino fundamental, enfim.

Por outro lado, sob entende-se que as autoras suplantam as suas dificuldades metodológicas a cada passo que vão dando, ou seja aquando das novas escritas dos seus artigos e isto é visível a priori. Pois nesta edição, se notou em grande medida o progredir dos resumos, das introduções, assim como nos desenvolvimentos dos conteúdos e seus respectivos parafraseamentos, das considerações finais e até das referências, tudo isto aponta para a atualização e eficácia da mencionada revista.

Importa evocar que as várias autoras, sublinham que a integração e a massificação do ensino veio trazer uma maior democratização a nível do processo de ensino e educação no Brasil. E é precisamente neste intuito que o professor sobretudo deve estar cabalmente preparado e ter uma formação integral contínua para poder responder a demanda dos educandos em particular e da sociedade em geral.



Manuel Francisco Neto

Coordenador Editorial da Rev. 1ª Evolução - Angola.

Doutor em Psicologia Social pela Universidade John Kennedy, (UK), Buenos Aires-Argentina. Mestre em Ciências Pedagógicas, opção Pedagogia e Psicologia pelo Instituto Pedagógico Superior do Estado de Moscovo-Rússia. Professor Auxiliar do Instituto Superior de Ciências da Educação-Luanda (ISCED)-Angola.



HOMENAGEM HOMENAGEM

SYLVIA LIA GRESPAN NEVES



O PODER DE COMUNICAR E DE AGIR COM AS MÃOS!

Diz um adágio que a grama do vizinho é sempre mais verde. Às vezes, sobretudo em condomínio, temos vizinhos com quem compartilhamos dentre outras coisas do ambiente, de mesmo jardim; Infelizmente, muitas vezes não temos tempo de conviver com nosso vizinho e perceber, que não é a grama dele que parece mais valiosa, mas valiosa é a aprendizagem que você pode ter com ele. Se a família é o primeiro núcleo social no qual nos inserimos, a vizinhança é a primeira célula social desse núcleo.

Sempre defendi, em outros em textos e, sobretudo em minhas ações, que se comece a mudança do mundo em esferas menores e mais próximas; Às vezes queremos mudar o mundo, mas não somos capazes de nos abrir a mudanças. Todo esse prólogo é anterior à apresentação da homenageada do mês como educadora porque o contato inicial que tive com ela foi como vizinha e numa ação que vai ao

HOMENAGEM

SYLVIA LIA GRESPAN NEVES

encontro da minha busca de melhorar o mundo mais próximo de mim: não em grandes coisas, mas em pequenas.

No condomínio em que moro foi montada uma rede social dos moradores para que em meio a informações sobre as ocorrências, ofereçamos serviços e também doações e escambos. Antes de me desfazer de um eletrodoméstico que precisava de um reparo, pus à disposição dos moradores como doação.

Foi assim que conheci a Sylvia: até então, "apenas" minha vizinha. Ainda com rapidez e com dificuldades minhas, conversamos rapidamente. Dias depois, no mesmo grupo, alguém anuncia que estão vendo a nossa vizinha na televisão, a mensagem chega simultaneamente ao envio de vídeo da minha mãe que gravou o trecho de uma reportagem exibida no jornal da noite.

Ambas as mensagens se referiam à matéria sobre LIBRAS. Foi assim a descoberta de que a Sylvia era professora, e essa informação despertou meu interesse sobre afinidade profissional, sobretudo pela monitoria em que eu estava atuando na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Passei a segui-la nas redes sociais e a me comunicar mais regularmente.

Em nossas conversas e também na leitura da introdução de seu texto de mestrado, conheci um pouco de sua trajetória: "tão pessoal e ao mesmo tempo tão comum", como ela mesmo adjetiva. Como eu defendi em outras homenagens/ biografias registradas por mim, cabe nessa revista não só registrar os grandes feitos de uma pessoa, mas feitos que servem de inspiração, como nas próprias palavras dela: "meu caminho serve de ilustração para a vida de tantos outros sujeitos surdos com experiências semelhantes". E sua experiência pessoal como não-ouvinte conduziu sua pesquisa como forma de dar visibilidade aos desafios e vitórias no mundo construído e constituído para ouvintes.

No mundo Surdo, seu sinal de batismo é: mão fechada, palma para frente, polegar distendido. Passar a ponta do polegar sobre a bochecha, em direção à orelha repetidamente. No mundo ouvinte é Sylvia Lia. Surda, numa família como mais dois irmãos: a mais velha é ouvinte, e o do meio é surdo de nascença, como ela. Mesmo após consulta a vários médicos para descobrir o motivo que desencadeou a surdez, sem sucesso, também buscaram por intervenção cirúrgica, para possibilitar audição, mas também sem possibilidade de reversão. Segundo os especialistas, o único jeito seria a utilização de aparelho auditivo e os encaminhou para uma escola especial.

Nos anos 80, a família morava no interior de São Paulo, na cidade de São João da Boa Vista, mas se mudaram para Jundiaí, local para onde seu pai foi transferido pela empresa. Quando sua mãe descobriu que havia uma escola especial em São Paulo, mudaram-se novamente, pois o atendimento educacional para surdos era inexistente em outras regiões. Ela e seu irmão foram matriculados no Instituto Santa Terezinha (IST), uma escola católica particular em São Paulo para surdos.

Sylvia foi educada em um sistema de ensino extremamente rígido, segundo o método oralista, cujo princípio fundamental é que o sujeito surdo é um deficiente da fala e da audição. A missão da educação nesse modelo, portanto, é "corrigir" o defeito do surdo, aproximando-o do indivíduo ideal, que é ouvinte. Nesse modelo médico enfatiza-se a dependência, considerando a pessoa incapacitada como um problema, e o modelo social atribui as desvantagens individuais e coletivas das pessoas com deficiência principalmente à discriminação institucional.



HOMENAGEM

SYLVIA LIA GRESPAN NEVES

Sylvia rememora as várias horas e dias treinando a fala, aprendendo a ler os lábios e a responder com educação às freiras. Na escola onde estudou, as aulas eram muito tradicionais, avalia a homenageada: "na classe, sentava e observava os professores movimentando a boca, sem que aquilo expressasse qualquer sentido para nós, até a hora de irmos embora".

Na época, era proibido usar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e por esse motivo, eram obrigados a oralizar, mexendo a boca para produzir os sons da língua portuguesa e aprendendo a ler os lábios da professora. Para aprenderem a falar, colocavam uma mão no pescoço dela e a outra no seu próprio pescoço para sentir a vibração dos sons. Contudo, na hora do recreio e longe dos olhares das freiras, as

crianças surdas mais velhas não utilizavam a língua portuguesa que aprendiam na sala de aula para se comunicar. Essa escola católica era administrada por freiras francesas, por isso, elas apresentavam alguns sinais da Língua de Sinais Francesa (LSF) e sinais caseiros em algumas de suas interações. Às vezes, ela se deparava com as freiras surdas utilizando sinais e foi assim que teve seu contato inicial com uma comunicação visual. Era sinalizando que sentia fazendo parte do mundo e entendia os acontecimentos ao seu redor.



Desde meu primeiro contato físico com a Sylvia, percebi que ela se comunicava por Libras, e mesmo sem dominar esse sistema linguístico, ousei utilizar o alfabeto em libras para compor algumas palavras, mas constatei em outras situações que alguns dos condôminos, como eu, até tempo anterior, não sabiam que tínhamos vizinhos surdos.

Um dia, na academia do condomínio, conversando sobre grupos para ginástica coletiva (antes da pandemia) percebi que muitas nunca se deram conta de que ela não ouvia, mesmo convivendo com ela nas atividades. Acredito que com a escolarização oralista e com as imposições sociais, Sylvia tinha aprendido a fazer não só a vocalização, mas a ter uma postura para encaixa-se no mundo ouvinte e dos sons. Mas em nossas conversas, agora como vizinhas, comecei a listar dificuldades pelas quais num momento de emergência muitos de nós padeceríamos. Pois algo que aprendi emblematicamente com Ana Paula Lima, também colunista nesta revista: "qualquer estruturação inclusiva, deve ser pensada para todos. Respeitando o formato de Desenho Universal, mas considerando necessidades coletivas e individuais. E quando não é pensado globalmente, não deixando de ser atentar às adequações necessárias", lembrando ações e estruturas inclusivas, engloba a todos. A sinalização por luzes e cores, é o que mais me vem a mente, pensando em casos de emergência que a principal informação vem sonoramente. Mas, de modo mais imediato, ficou evidente minha ignorância em não domínio de Libras, por exemplo, o que me possibilitaria tecer conversas com meus alunos e com meus vizinhos que a dominam, sem que eu precisasse soletrar ou digitar, portanto o fácil acesso a curso de Libras é uma das principais ações para possibilitar não só a inclusão, como fator específico, mas a comunicação e entendimento de Libras como uma língua com seus aspectos próprios como cada língua tem.

Com a fonoaudióloga responsável pela terapia na época, começou a compreender melhor a língua portuguesa. E suas estratégias nunca foram esquecidas: ela a pedia para recortar figuras de partes do corpo humano encontradas em revistas, depois ensinava o termo correspondente em português e mostrava como construir frases. Ela a incentivava a escrever ao invés de falar e orientava a família a dar continuidade às atividades e a reforçar os assuntos trabalhados nas sessões. Eu seus relatos, Sylvia comparou essa aprendizagem como renascimento e redescoberta do mundo, embora já tivesse vivido sete anos de idade. Após dois anos na sala especial, uma das freiras recomendou a matrícula na escola regular, localizada ao lado da Instituição em que já estudava; sendo assim, passou a estudar em período integral: período da manhã na sala regular e período da tarde na sala especial.

HOMENAGEM

SYLVIA LIA GRESPAN NEVES

O primeiro dia de aula naquele lugar ficou marcado em sua memória. Acompanhada por sua mãe até a sala de aula, deparou-se com carteiras enfileiradas, repletas de alunos. Essa visão a chocou, pois até então estava acostumada com turmas pequenas e carteiras dispostas em “U”. Não ter sido preparada e orientada para essa nova experiência, gerou angústia e aflição.

Hoje adulta e professora, constata que, até hoje, esse tipo de situação é recorrente entre familiares ouvintes e profissionais da educação, porém, ressalta e essa é sua bandeira hasteada como educadora: “é direito da criança surda ter acesso à comunicação e a informações claras a respeito de mudanças em sua vida”. Sobre a sala de aula, relata ter ainda a lembrança de olhar para todos aqueles rostos desconhecidos e querer fugir. Não entendia por que precisava ficar naquele lugar, e contra sua vontade e com muitas lágrimas, ficara. Recorre a um trecho escrito por Sacks, importante teórico do assunto, para elucidar sua angústia:

“ser deficiente na linguagem, para um ser humano, é uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações. Se não pudermos fazer isso, ficaremos incapacitados e isolados, de um modo bizarro — sejam quais forem nossos desejos, esforços e capacidades inatas.

Na escola de surdos ela se sentia viva. Mesmo sendo um ambiente tradicional e oralista, tinha amigos como ela, além de haver alguns adultos surdos também. Era um mundo que a fazia se sentir pertencente, mesmo não sendo perfeito.

Na escola regular, por sua vez, ela se sentia presa e deslocada, pois ninguém era capaz de compreendê-la. Por esse motivo, em momentos oportunos sempre retornava para a escola especial, buscando o conforto linguístico. E em casa havia seu irmão que sinalizava e, a mãe, apesar de não dominar essa comunicação, permitia que se comunicassem dessa forma.



Sua mãe soube que na vizinhança havia dois irmãos surdos adultos e foi conhecê-los. Enfim Sylvia teve contato com a Libras de fato, isto é, uma língua reconhecida, assim como qualquer outra de modalidade oral-auditiva, com gramática própria, definida pelos sistemas fonológicos, morfológicos, sintático, semântico e pragmático, e em contexto real. Seu contato não foi somente com a língua, mas também com a identidade, cultura e, com isso, com a inserção na comunidade surda.

Com o passar do tempo Sylvia se adaptou à escola regular, a estar “incluída”, mesmo sem a presença do intérprete, que não existia naquela época. Concluiu o ciclo na escola de surdos e continuou estudando em escolas de ouvintes até o ensino superior.

Em sua primeira graduação, em Biblioteconomia, os desafios se tornaram maiores. Diferente do Ensino Fundamental e Médio, em que conseguia acompanhar os conteúdos através de livros didáticos, na faculdade o modelo de aula e o material eram bem mais complexos, pois havia a presença de conceitos e termos técnicos. Alunos e professores dialogavam constantemente em sala, as aulas eram expositivas, sem que ela conseguisse acompanhar. Mesmo assim se formou, e apresentou como trabalho de conclusão de curso uma pesquisa com o seguinte título: “Integração Social e Profissional dos Deficientes Auditivos e Visuais: egresso na Faculdade Biblioteconomia e Documentação”.

HOMENAGEM

SYLVIA LIA GRESPAN NEVES

Devido à sua dificuldade, os graduandos da turma uniram-se para arrecadar o valor necessário para contratar uma intérprete que pudesse acompanhá-la durante a apresentação do seu trabalho. Foi a primeira vez que pode ser ela mesma naquele ambiente, pois o intérprete foi ser sua voz e ela pode apenas e completamente Ser Sylvia.

Ela atuou na área durante três anos, numa escola para surdos da cidade de São Paulo. Depois dessa experiência decidiu fazer sua segunda graduação: ingressou no curso de Pedagogia nas Faculdades Integradas Rio Branco, onde havia Tradutor Intérprete de Língua de Sinais/ Língua Portuguesa (TILS). Podia ser ela mesma e se sentia ávida para aprender e, ao final do curso, defendeu um trabalho sobre a Cultura Surda. Na sequência, fez especialização na área de Surdez e Educação do Deficiente da Audiocomunicação (EDAC) na FMU, onde defendeu a monografia "A criança surda e o mundo da brincadeira: a evolução do brincar na educação de surdos".

No ano de 1999, foi chamada pelo Instituto Santa Terezinha (IST), a mesma escola onde havia estudado, para ocupar a função de Professora de Libras no Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Teve a oportunidade de produzir materiais didáticos e se tornar uma escritora. O fato de estar em sala de aula todos os dias, a desafiava a procurar novas metodologias e didáticas, para fazer o melhor possível e cumprir o juramento feito na Pedagogia e, inclusive, não permitir que os alunos passassem pelo que ela passou. Para se aperfeiçoar, continuou em formação, enquanto também formava alunos. Além da pós-graduação, ingressou no curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – polo da USP, uma das turmas pioneiras no Brasil. Lecionou no IST por oito anos, e precisou concluir esse ciclo para realizar seu mestrado em Educação, na UNIMEP, onde defendeu a dissertação intitulada "Um estudo dos recursos didáticos nas aulas de língua brasileira de sinais para ouvintes" e para exercer docência em Libras nas disciplinas obrigatórias dos cursos de Enfermagem e Fonoaudiologia e optativa no curso de Medicina na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSCSP), onde atua até hoje.

Dessa forma, atuar como professora nesse contexto, é de certa forma contribuir não só na formação dos alunos do Ensino Superior, mas capacitá-los para atender crianças e os pais, pois antes mesmo de ingressar na escola, é na área da Saúde que os surdos deparam-se com os primeiros desafios de identidade.

Mas sua atuação não se restringe a esses contextos: é possível encontrá-la como romancista, autora de *Mãos ao vento*, como consultora em projetos e ações para acesso a Libras e ainda como palestrante, atualmente em alguma live.

Atualmente está concluindo o doutorado no programa de Linguística da USP e isso não é um marco só na sua vida, mas também à realidade acadêmica, pois foi a primeira pessoa surda a ingressar no Doutorado, na USP. Tê-la conhecido, foi um assomo de aprendizagem e de reflexão à minha atuação profissional estendendo-se à vida pessoal.

Mesmo nas poucas saídas, devido à pandemia, pude cruzar com ela no portão do estacionamento e me inspirar, sobretudo no sorriso que sempre me saudou, mesmo quando não nos conhecíamos.

Cada contato para mim é uma experiência sobre línguas, sobre cultura e, portanto, sobre pessoas. A exemplo posso comentar o símbolo 🖐️ que é ainda por muitos confundido. "Amo você" em todas as línguas deveria ser entendido. Eis o contínuo aprendizado!



Colaboração: Giseli Aparecida Gobbo (argumentos)

Por **Ivete Irene dos Santos**, professora na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atua oficialmente na educação desde 1998, tendo experiência no desenvolvimento e aprendizagem da pré-escola à pós-graduação. É também poeta e escritora, além de palestrante e produtora de conteúdos culturais. Encontra-se acervo em buscas por #universoivetando e pelo seu nome nas redes sociais e catálogos bibliográficos.

O DESENVOLVIMENTO DA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO INTEGRAL

DEBORA RODRIGUES DA SILVA

RESUMO: O trabalho de pesquisa realizado ressalta a importância da inclusão na educação e principalmente o olhar de escolas e educadores frente a essa nova realidade. De maneira a compreender esse contexto, foi feita uma pesquisa sobre a história da inclusão, as etapas e inúmeras dificuldades encontradas, até chegar aos dias atuais em que o educador mesmo com todos os recursos disponíveis, ainda enfrenta algumas dificuldades em lidar com a inclusão de alunos com deficiências físicas, motoras, intelectuais e suas particularidades. A metodologia utilizada foi um levantamento bibliográfico, retrospectivo, utilizando-se trabalhos publicados por fontes validadas pela comunidade científica, escritos em português, nos quais foram descritas situações de maior riqueza de informações sobre a autopercepção cognitiva e física de pessoas com Deficiência Intelectual.

Palavras-chave: Aprendizagens. Deficiências. Inclusão. Escola. Superação.

INTRODUÇÃO

A inclusão como prática educativa é recente em nossa sociedade, sendo que na educação inclusiva nenhum aluno, sem exceção, deve ficar longe de ser acolhido e não devemos também aceitar, em uma escola ou entre escolas do mesmo sistema de ensino, situações que se caracterizam como ações excludentes e discriminatórias, através de um processo de avaliação seletiva.

Muitos estudos têm sido realizados com o intuito de entender como a aprendizagem ocorre. Objetivando respostas que auxiliem profissionais a compreenderem o por que uns alunos aprendem com tanta facilidade enquanto outros têm dificuldades no mesmo processo. Entender e agir de forma positiva sobre estas dificuldades é conduzir o aluno a ultrapassar os seus limites, que muitas vezes é imposto por déficit cognitivo, físico ou até mesmo afetivo.

Sendo assim, cabe escola garantir a permanência deste aluno na instituição, com a oferta de ensino de qualidade, mesmo que seja desafiador, acredita-se que o primeiro passo para a inclusão é lidar com a diferença de maneira natural, entender que é uma condição humana que estará sempre presente em nossa sociedade, cabendo a todos respeitar e aceitar a possibilidade de enriquecer a convivência na sociedade.

O tema dificuldade de aprendizagem vem sendo amplamente discutido pelos governantes e por especialistas da área da educação, visando encontrar as principais causas e a melhor forma de lidar com ela e assim auxiliar o aluno nessa etapa, para isso cada caso deve ser avaliado particularmente, incluindo no diagnóstico o entorno familiar e escolar. Tanto pais como professores devem estar atentos quanto ao processo de aprendizagem, tentando descobrir novas estratégias, novos recursos que levem o educando ao aprendizado (BRASIL, 1996).

Para que ocorra uma transformação quanto a inclusão escolar, mudanças são necessárias em todos os setores, a legislação garante o direito e obrigatoriedade legal de acolher esses educandos, pois o direito à educação é universal e para todos. Portanto Políticas Públicas voltadas para esse acolhimento devem ocorrer e uma nova estruturação com mudanças no processo de ensino, qualificação profissional para um domínio metodológico com práticas e avaliações coerentes, currículos apropriados que atendam essas diferenças, dentre outros fatores que possibilitem esse aprendizado e atendam suas especificidades, de forma a estimular e valorizar sua aprendizagem.

É considerada escola inclusiva aquela que abre espaço para todas as crianças, abrangendo, portanto, aquelas que apresentam necessidades especiais. Inspirada nos princípios da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), que proclamou, dentre outros princípios, o direito de todos à educação,



DOIS MIL E VINTE ...

Ano em que tivemos que nos recolher para dentro de nós mesmos na esperança da cura;
Ano em que aprendemos o quão tênue é a linha entre a vida e a morte;
Ano em que vimos o tempo passar por dentre os dedos deixando para trás dias saudosos de abraços e sorrisos de outrora;
Ano em que mascarados mostraram a verdadeira face sem dizer uma palavra;
Ano em que compreendemos que zelar pelo outro é o mesmo que o outro zelar por nós;
Ano em que percebemos que o futuro depende do movimento de inspirar e expirar;
Ano que deixa a mensagem de que tudo vai passar e que até lá aprendamos a amar.

Sonia Capano

A vida é um sopro
uma tênue brisa que desliza
pelas entranhas do infinito
Nós?

Somos poeira
dançando e flutuando
na brevidade do vento.

Edivan Costa Gomes
Professor na rede pública SP

RUA DO FOGO

Poucas casas, muita poeira,
pouca gente, um mundo inteiro.
Almas simples, ricas de tanta vida.
Todos os heróis do mundo encarnavam naquelas crianças,
todos os reisados, as quadrilhas, as fogueiras, os dramas, as danças.
Todos os reinos do mundo valiam menos que os sonhos, esperanças.
Todo o ouro do mundo valia menos que aquela poeira
que se escondia entre os dedos e vestes ao fim da noite.
Todas as histórias ganhavam vida ali. Até as dos mortos.
Todas as coisas do mundo buscavam a Rua do Fogo,
Assim chamada por ter mais casas e talvez menos silêncios.
Umas casas, uma venda, um curral, um matadouro, muitos sonhos, o centro do mundo.
Casas que abrigavam universos.
Uma venda onde almas rurais se reuniam aos domingos para a prosa e a pinga.
Um curral onde gado e gente confessava segredos mútuos.
Um matadouro onde um boi chorava no sábado à noite, adivinhando a morte.
Ali perto uma igreja com quatro festas por ano e com a fé para todas as eternidades.
Ali perto uma escola onde os planos de voo alcançavam o futuro.
Ali perto um riacho que era o nosso Tejo cheio de embarcações.
E no centro de tudo havia poucas calçadas, imensos reinados.
Nenhuma rua do mundo teria mais vida, nem mais história nem mais sentido,
Nem mais estradas que se ligam ao mundo,
Nem mais luz, ainda que no escuro,
Nem mais presente, passado ou futuro,
Que a nossa aldeia da infância
Chamada a Rua do Fogo.

Carlos Eugênio Rêgo
Prof. na rede pública no Distrito Federal.



Filiada à:



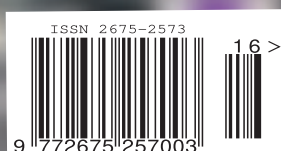
AUTORES(AS):

- Carla Ferraz
- Cinthia Caroline Gomes Lima de Oliveira
- Débora Miriam Bezerra de Andrade
- Debora Rodrigues Da Silva
- Edna dos Reis Ricardo
- Eliane de Jesus Ribeiro Souza
- Erich Messias do Nascimento
- Fellipe William Marques Martins
- Izilda Marques Bastos Trindade
- Luiz Ricardo Fueta
- Maynara Chaves Ferreira
- Renata de Andrade Mendes
- Rosemary Nunes Gomes
- Sileusa Soares da Silva

ORGANIZAÇÃO:

Virma Maria da Silva
Manuel Francisco Neto

doi <https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.16>



Edições
Livro Alternativo

www.primeiraevolucao.com.br

